

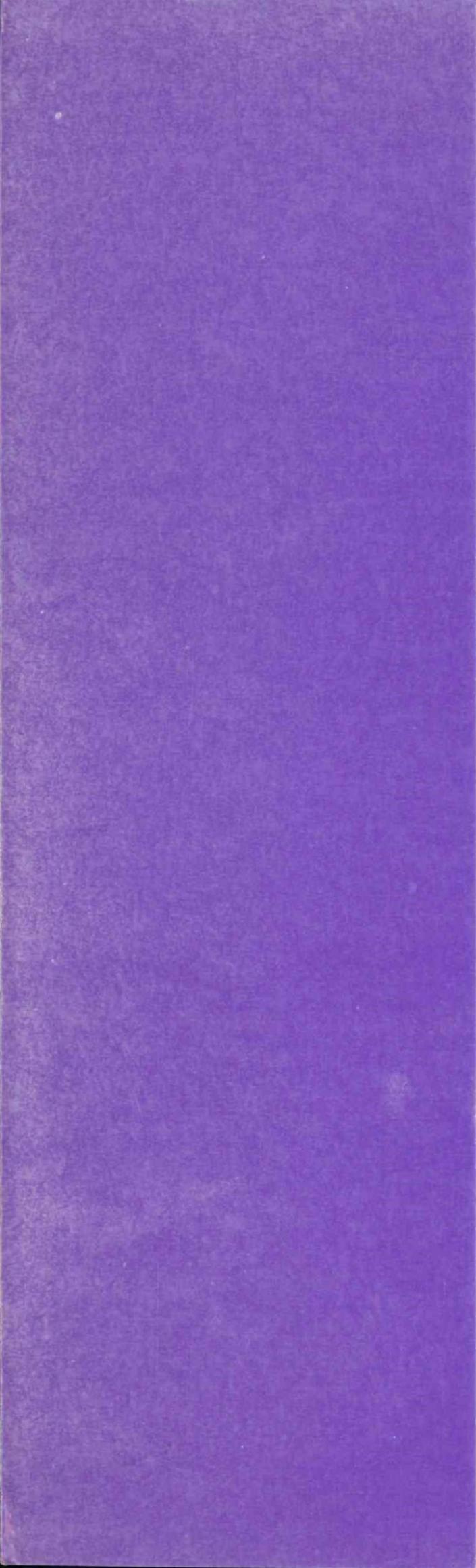
SEBASTIÃO MATOS

Breve nota das
PROCISSÕES
da Semana Santa em Braga



(469.12)

T



SEBASTIÃO MATOS

Breve nota das
PROCISSÕES
da Semana Santa em Braga

Areias de Vilar
Barcelos



Título: Breves notas das Procissões da Semana Santa em Braga

Autor: Sebastião Matos

Capa: Imagem do Senhor dos Passos que se venera em Areias de Vilar

Edição do Autor

Tiragem: 1000 exemplares

Local e data de edição: Areias de Vilar, Barcelos, 2003 Abril

Execução Gráfica: Gráfica Casa dos Rapazes - Viana do Castelo

Depósito Legal: 194199/03

82804

Nota Prévia

Na busca de fontes para a construção da História, nos arquivos e na memória viva, por vezes encontram-se algumas notícias que, pelo seu ineditismo ou singularidade, merecem um apontamento ou uma ficha para estudo posterior. Foi o que aconteceu há algumas dezenas de anos. Quando investigava sobre outra temática, encontrei anotações sobre as Procissões do Enterro e da Ressurreição do Senhor que tiveram início no Convento de Vilar de Frades na primeira metade do século XV.

Depois da extinção do mosteiro Beneditino em 1400 e da morte do último Abade, as ruínas do casario, a igreja românica e respectiva propriedade agrícola foram entregues em 1425 aos fundadores da Congregação de S. João Evangelista.

Em 1455 entrou para esta Congregação o padre Paulo de Portalegre. Foi ele quem, após uma viagem à Terra Santa de Jerusalém, introduziu em Vilar de Frades as Procissões do Enterro e da Ressurreição do Senhor.

O costume destas Procissões passou, depois, de Vilar de Frades para as catedrais e igrejas de Portugal e da Espanha, e para as da Europa Ocidental, recebendo ao longo dos séculos várias actualizações por exigência das diversas alterações litúrgicas da Igreja.

Como prova de que as Procissões do Enterro e da Ressurreição tiveram origem entre os Cónegos de S. João Evangelista de Vilar de Frades, pode considerar-se o facto de o Papa Clemente VIII, grande admirador daquela Congregação, haver concedido indulgência plenária a quem tomasse parte delas nos seus conventos.

A notícia da introdução dessas Procissões na Congregação e posteriormente na Diocese de Braga, mereceu-me a conveniente anotação que entrou na gaveta de penderes e há algumas décadas atrás levou-me a elaborar uns apontamentos sobre as Procissões e outros rituais da Semana Santa em Braga. Também estes entraram para a gaveta à espera de uma oportunidade para serem desenvolvidos e, se o merecessem, publicados. Isso nunca aconteceu.

Agora que a Comissão para a realização das cerimónias da Semana Santa em Areias de Vilar se propôs adaptar alguns conteúdos da Procissão de Passos e do Enterro do Senhor às exigências litúrgicas actuais e à transmissão da mensagem do Plano Salvífico de Deus, retomei esses apontamentos e deles dei conhecimento aos responsáveis, facultando-lhes a sua publicação.

Reconheço a relativa importância deste trabalho, tanto mais que se refere a um apontamento respeitante ao terceiro quartel do Séc. XX, com apenas algumas notas alusivas a Areias de Vilar na actualidade. Mas, se era minha intenção alargar e desenvolver este estudo, e se no presente isso é impossível, assim o entrego como contributo modesto para que outros, interessados pelo tema, o possam fazer um dia com maior profundidade.

Sebastião Matos

Semana Santa em Braga

É denominada *Semana Santa*, a semana que antecede a Páscoa. Durante esta semana realizam-se em Braga várias Procissões. Toda a cidade vive intensamente este período sacro, revestindo-se de símbolos que ora evocam Cristo a entrar triunfante em Jerusalém, ora recordam a instituição da divina Eucaristia, a morte do Senhor e sua Ressurreição.

O colorido dos seus panejamentos umas vezes é roxo, outras negro ou mesmo branco. E a cidade, que tantas igrejas possui, transforma-se toda num só templo, com os seus calvários, estações da “via crucis”, adornos, iluminações das casas.

O roxo é a cor simbólica do sofrimento e da penitência. Nos hábitos populares, criados nesse ambiente espiritual, até as flores com que prestam homenagem e devoção são roxas – lírio, rosmaninho, alecrim e violeta.

Há uma quadra popular, publicada pelo Abade de Baçal, que nos transmite a mensagem do povo sobre o simbolismo das cores ltuosas:

*“Ando vestida de preto
ou de roxo como o lírio,
Mas ninguém me morreu:
é de luto por quem está vivo.”*

Todos os dias da Quaresma, em todas as igrejas da cidade, com calendário rotativo previamente estabelecido, é exposto o Santíssimo Sacramento na tribuna alta preparada com muita luz, bastantes velas e arranjos.

A anteceder a Semana Santa realizam-se várias actividades culturais em algumas igrejas da cidade, como Encontro de Coros Paroquiais.

No Sábado que antecede o Domingo de Ramos verifica-se a Transladação da imagem do Senhor dos Passos da igreja de Santa Cruz para o Seminário de Santiago. No Largo de Santa Cruz, à saída da Procissão, um coro do Seminário canta o “Miserere”. Depois há a “Via Sacra”, que percorre todos os Calvários.

No Domingo de Ramos, na igreja do Seminário de São Tiago realiza-se a bênção de Ramos. Segue-se a Procissão em direcção à Sé e a Missa de Ramos.

No Santuário do Bom Jesus há a bênção dos Palmitos e dos Ramos de oliveira. De tarde, a tradicional Procissão dos Passos.

Por tudo isto, a Semana Santa em Braga é o ponto alto do turismo religioso com forasteiros vindos de todo o país e da vizinha Espanha para assistirem às procissões e visitarem as igrejas da cidade.

Procissão dos Passos

Foi na época de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna que se vulgarizaram as Procissões dos Passos, anteriores às Procissões do Enterro e da Ressurreição.

Várias causas intervieram para o seu desenvolvimento e proliferação: a *decadência* da vida litúrgica fazia surgir outras formas de piedade colectiva; o *entusiasmo* de algumas ordens religiosas levou-as a colocar o Mistério da Cruz no primeiro lugar das suas preocupações apostólicas; o espírito de *ascetismo* dessa época, por vezes conduziu a exagero de exibição pública, como no caso dos “flagelantes” das Procissões de Braga.

Merece especial menção a prática da *Via Sacra*, que desde as Cruzadas dominava a piedade do povo cristão, sobretudo nos meios de influência franciscana.

Não se deve esquecer, também, o florescimento do *culto externo* e a veneração das imagens, como reacção ao culto protestante.

Tudo isto contribuiu para dar relevo e expandir em Portugal as Procissões dos Passos.

Estas não pertencem ao quadro litúrgico, como a do Enterro do Senhor, nem correspondem a nenhuma Festa ou período especial, mas fazem-se num dia qualquer à

escolha dos organizadores. Num ou noutro caso, a escolha moldou-se a circunstâncias litúrgicas: de uma localidade sabemos que a Procissão dos Passos era feita na Sexta-Feira antes de Ramos, pela correspondente festa das Sete Dores.

O carácter litúrgico do préstito é dado pelo transporte de Relíquias da Paixão – em geral o Santo Lenho – e bênção com as mesmas Relíquias.

É constante, por toda a parte, uma transladação da imagem na véspera, de modo que a Procissão não sai do templo onde habitualmente se venera.

Não sabemos a primeira origem e consideramos lendárias certas explicações de disputas de propriedade da imagem ou proeminência de corporações, porque se repetem como um “comum” dos Passos em vários pontos do País. É possível que os propagadores da devoção, atreitos aos “simbolismos” de todas as épocas de decadência, quisessem dar uma expressão simbólica ao facto da transladação. Confirma-nos esta ideia a observação de que em terras onde a Procissão sai da mesma igreja em que a imagem é venerada fazem duas transladações, uma na antevéspera, silenciosa e quase oculta, outra na véspera, triunfal, com muitas luzes e grande acompanhamento para a igreja da qual, no dia imediato, sairá a Procissão.

Essencialmente, a Procissão de Ramos corresponde ao exercício da Via Sacra.

Os criadores destes préstitos sagrados, cujas linhas gerais se mantêm absolutamente há 5 séculos de modo

uniforme em todo o País, conseguiram assim dramatizar e reproduzir, com a maior exactidão possível, o trajecto de Cristo desde o Pretório até ao Gólgota.

À semelhança desses lugares, erigiu a devoção popular pequenos santuários, edículas ou monumentos, em número variável – o de 14 estações é de instituição muito recente. Esse número, em Portugal, reduziu-se a sete, e sete capelinhas se fizeram nas povoações que adoptaram a devoção. Assim é em Braga. Outras terras, todavia, apenas edificaram cinco, contando, para perfazer o número combinado, as duas igrejas em que se iniciava e terminava a devoção.

A Procissão dos Passos sai da Sé (1º sermão), tem o Encontro dos andores do Senhor dos Passos e da Senhora das Dores na igreja de Santa Cruz (2º sermão) e recolha na Sé (3º sermão). À frente vai sempre um grande estandarte a abrir o cortejo: a bandeira de Roma, com as letras **S.P.Q.R.**

O Povo deu várias interpretações a estas letras, algumas bem pitorescas. No tempo da Primeira República (1910), interpretava-as ao sabor da época: “Senhor [dos] Passos Quero República.”

Outro significado popular dizia: “Senhor Padrinho Quero Roscas” – frase que os afilhados dirigiam aos padrinhos, pedindo o foliar da Páscoa. E outro: “Senhor dos Passos *Qurreu* Ruas.”

Ora, a origem e significação daquelas letras é a seguinte: julgando os Sabinos haverem dominado todos os outros povos, inscreveram nos seus estandartes

S.P.Q.R. – que decifravam do seguinte modo: **Sabino Populo quis resistit?** (Quem resistirá ao Povo Sabino?)

Os Romanos, feridos no seu orgulho, responderam, aproveitando as mesmas iniciais: **Senatus Populusque Romanus** (o Senado e o Povo Romano).

Há também uma significação mística: **Salva Populum quem redemisti** (Salva o povo que redimiste).

Deste modo, podemos dizer que o uso do pendão com as letras S.P.Q.R. serve para duas finalidades: comemorar o facto de o estandarte dos romanos ter figurado nas cenas da Paixão de Cristo, e apresentar uma fórmula simples e sincera de pedir ao Senhor a salvação do povo.

Depois deste pendão seguem os “**anjinhos**” – como o povo chama ao figurado de crianças nos préstitos religiosos – a transportar instrumentos da Paixão: cravos e lanças, os espinhos e a cana, escadas e cordas.

Nesta Procissão aparece a figura da “**Verónica**”, a mostrar o Pano do Santo Sudário, cantando o Responsório “*O vos omnes*”. Antigamente, por causa destas primeiras palavras do Canto, o Povo, que não compreendia o latim, nalgumas freguesias começou a chamar a esta procissão “**Vozonés**”.

Em Portugal, a Procissão dos Passos é, muitíssimas vezes, promovida pelas Santas Casas das Misericórdias.

A sumptuosidade desta Procissão depende naturalmente das possibilidades do meio, da maior ou menor facilidade em obter clero numeroso e também do gosto estético de cada localidade.

Neste aspecto especial das Procissões, Braga distinguiu-se pela grandiosidade, a que dá certo realce a multidão de figuras alegóricas, anjos e querubins.

Presentemente, e para a integrar nas solenidades da Semana Santa, no Domingo de Ramos realiza-se em Braga a Procissão de Ramos, incumbindo-se dela a Irmandade da Santa Cruz, erecta na igreja do mesmo nome.

* * *

A Procissão dos Passos em Areias de Vilar, que se realiza no Domingo de Ramos, é das mais antigas do país. Abre a procissão um estandarte que tem como características ser levado por um só homem, sem outros com pendões a ajudar, apesar de a vara ter 6,70 m de altura, e o pano ao vento ter 5 m de comprido e 76 cm de largura. Segue mais atrás a bandeira de Roma, também de dimensões razoáveis e sem pendões para ajuda ao pegador. O adro é enfeitado com cordas de verdes adornadas com flores da época, cuja feitura fica a cargo, normalmente, da juventude.

Durante toda a tarde de Sábado, os homens revezam-se na torre sineira a fazer voltear o sino grande até o segurarem, silenciado, na vertical. Ao mesmo tempo, os mais afoitos medem forças a tirar o estandarte velho da igreja, quer saindo de frente, quer às arrecuas. Para o tornarem mais pesado, nos dias anteriores colocam-no de



O Estandarte à saída da Igreja

molho num tanque ou numa poça de água, afixando-lhe depois uma pinha de chumbo na ponta a fim de dificultar a tarefa.

Entretanto, a devoção espontânea dos fiéis foi sobrecarregando a Procissão com elementos anacrónicos (representações de São Bento, Santa Teresinha do Menino Jesus e Nossa Senhora de Fátima), que foram expurgados a partir de 1987. Desde então, privilegiou-se a participação de jovens e adultos no figurado e criaram-se alguns quadros fixos ao longo do percurso: Última Ceia, Julgamento de Jesus, Cireneu, Cristo na Cruz, Descendimento da Cruz e Calvário.



Bandeira Romana, enfeite das cordas e figurado

Neste ano de 2003, dadas as características privilegiadas da varanda do coro para o adro da igreja, transferiu-se para aqui o sermão inicial e o momento do “Ecce Homo”, com a participação de toda a multidão. Além de outras inovações, como o Coro das Mulheres e todo o povo a alternarem com o canto da Verónica.

Uma vez que foi sendo introduzido o costume de representar cenas do Antigo Testamento e da vida de Jesus anterior à Paixão, este ano, por ser o Ano do Rosário, além dos quadros da Antiga Lei serão também figurados os cinco novos Mistérios Luminosos instituídos por João Paulo II: o Baptismo de Jesus, o primeiro milagre nas Bodas de Caná, o Anúncio do Reino, a Transfiguração e a Eucaristia.

Procissão de Quinta Feira Santa

Esta procissão é também conhecida pelo nome de Procissão de Endoenças, Procissão dos Painéis, Procissão de Santa Maria, Procissão do Ecce Homo ou Senhor da Cana Verde e Procissão dos Fogaréus.

Sabemos que a Sexta-Feira Santa era conhecida antigamente pelo dia da Remissão, da Indulgência ou *Endoença*, por causa da remissão dos penitentes públicos neste dia.

Esta prática durou até ao séc. XIV, altura em que passou para a Quinta-Feira Santa como testemunha a religiosidade popular expressa na seguinte quadra:

*“Quinta-Feira de Indoenças
Sexta-Feira de Paixão
Sábado de Aleluia
Domingo da Ressureição”.*

Extinta a cerimónia de reconciliação dos penitentes públicos, ter-se-ia organizado esta Procissão de penitência para a visita às igrejas.

Foram as Misericórdias, instituições do séc. XV, que perpetuaram até aos nossos dias esta prática.

Em Braga e no Norte do País, é também conhecida por Procissão do *Ecce Homo* ou *Senhor da Cana Verde*, porque nela é levada a imagem do Senhor chamada “Ecce Homo” – Cristo coroado de espinhos, com uma cana metida por entre as mãos atadas, evocando o momento em que Pilatos apresentou assim Cristo à multidão, dizendo: “Eis o Homem”.

* * *

Segundo a tradição, em Areias de Vilar também existiu uma imagem do Senhor da Cana Verde. Em tempos passados, e segundo os mais velhos, a imagem foi emprestada para a freguesia de Manhente. Fez-se a Procissão e, ao recolher, não estando ninguém de Areias de Vilar avisado, o andor com a imagem entrou de frente na igreja, pelo que, segundo o costume imemorial, deu direito de posse a quem assim procedeu. Tal só pôde acontecer porque à época havia o costume de emprestar imagens às paróquias vizinhas. Não gostaram os de Areias de Vilar do procedimento dos de Manhente, o que terá levado os de São Veríssimo a comentar: “Para fazerem os Passos, os de Manhente tiveram que pedir ajuda ao Senhor da Cana Verde, usando a artimanha do desvio”.

* * *

Outro nome que recebe é *Procissão dos Painéis*, porque muitas Misericórdias conduzem neste cortejo alguns Painéis ou Bandeiras, representando várias fases da Paixão do Senhor.

Chama-se-lhe também *Procissão de Santa Maria*, porque nalguns lugares, principalmente no Algarve, as pessoas que vão na procissão cantam “Sancta Maria, ora pro nobis”.

É igualmente conhecida por *Procissão dos Fogaréus*, porque nela vão os farricocos a abrir o cortejo, levando matracas e fogaréus. Vão descalços, com vestes grosseiras cor de luto, que os cobrem totalmente, apenas com duas aberturas para os olhos. Levam cordas à cintura e na cabeça, a prender o capuz. Antigamente, nalguns lugares, havia o costume de levarem trombetas para anunciar o cortejo. Às vezes eram dois anunciadores em lugares diferentes do desfile.

O **fogaréu** é uma espécie de tigela cheia de matérias inflamáveis, erguida no alto de longos suportes de ferro ou de pau. Antigamente usava-se pinhas embebidas em pez e petróleo.

A **matraca** é um instrumento de madeira com argola de ferro ou pequena tábua movediça, que os farricocos agitam, para fazer barulho prevenindo o povo de que se aproxima a Procissão. É bastante antigo o uso das matracas ou “matrículas” de madeira simples ou guarnecida de ferragens.

Antigamente realizavam-se as **Procissões de Penitência**, nas quais iam vários homens e mulheres – os flagelantes ou penitentes – vergastando-se a si próprios e aos outros com cordas e objectos de ferro, e confessando os seus pecados em voz alta.

Há uma descrição de 1750, que nos conta como esta Procissão era organizada pelas Misericórdias:

«Os Irmãos serão sempre 250 a 300, e todos vão vestidos com suas vestimentas pretas e postos em ordem de procissão com suas velas na mão.

Diante deles vão 800, 900 e até mil homens e mulheres disciplinando-se: os quais todos vão vestidos de vestimentas pretas; e assim homens como mulheres se ferem com as disciplinas, tirando-se a si muito sangue.

Para a procissão ir ordenada haverá alguns Irmãos que a vão governando com varas na mão as quais serão nobres e poderão ir até oito e com eles alguns outros da mesma qualidade que levem doces, e o mais que for necessário para a consolação dos penitentes, para os quais o mordomo da casa dará ordens que se curem com muito cuidado.

Entre estes disciplinantes, vão muitos homens e mulheres, com barras de ferro e cruces de pau grandes e pedras às costas, e para claridade da gente levam 50 faróis de fogo, em que se gastam 2000 novelos de fiado tomentos, engraxados em borras de azeite e sebo para dar bom lume, os quais faróis vão postos em hastes muito compridas e altas: e levam 30 lanternas grandes metidas também em hastes com velas dentro acesas.

Levam mais 30 homens com bacias nas mãos cheias de vinho cozido e os disciplinantes molham e lavam nele as disciplinas para que lhe apertem as carnes mortificadas.

Da mesma maneira vão dez ou doze homens, com caixas de marmelada disposta em fatias, as quais mandam muitas pessoas fidalgas e devotas e que elas dão aos penitentes; e levam também outras caixas de confeitado e de cidrão, para os penitentes que enfraquecerem – pois os socorrem com alguns bocados.

E vão também outros tantos homens com quartas de água e púcaros nas mãos, dando água aos que dela têm necessidade.

E tanto que chega a Procissão à Casa da Misericórdia, estão ali “*phisicos*” que espremem as chagas dos penitentes e lhas lavam com vinho para isso confeccionado e os apertam e vestem; e se vão depois para suas casas.»

No século XVI formavam-se as Confrarias de Penitência, embora se lhes possam encontrar antecedentes no século XII. Eram promovidas pela Misericórdia e tinham carácter ascético. Distinguiam-se pelas cores com que se cobriam: “penitentes negros”, “penitentes brancos”, “penitentes azuis”, “penitentes roxos”.

Por esta altura ficou conhecida uma organização por “Bando do Pavor”. Era um tempo de decadência religiosa, poucas pessoas praticavam a “desobriga”, e esta organização era permitida pelo alto clero com o fim de, à falta de denúncias à Inquisição, ser ela uma vez no ano – “O Pelourinho andante das mais escondidas vergonhas”. O “Bando do Pavor” ia na procissão fazendo a declaração pública dos seus pecados e dos pecados dos outros, à medida que ia passando pelas ruas.

As antigas procissões de penitentes produziram desvios e abusos. Na de Braga, quando algumas pessoas perderam a

devoção, ia à frente um bando de populares, mascarados com aspecto de penitentes, dirigindo culpas e injúrias aos moradores, descobrindo-lhes as mazelas.

Atrás, impecavelmente, desfilavam os autênticos penitentes.

Havia também excessos dos próprios penitentes, que se apresentavam quase nus, a arrastarem cadeias grossas ou levantando grandes pesos; outros, caminhavam com atitudes forçadas, que provocavam o riso.

Em Braga proibiu-se os penitentes de se flagelarem a si próprios na via pública, porque o faziam de tal maneira que eram precisos médicos e enfermeiros a acompanhar as antigas procissões.

Estas manifestações dos flagelantes foram proibidas no século XIV pelo Papa Clemente VI.

As antigas “Procissões de Penitência”, de regulamentação litúrgica, deram a vez a duas formações: uma oficial, como as Procissões do Senhor dos Passos e da Paixão ou Enterro do Senhor, sem penitentes, substituídos pelas Confrarias e Irmandades paroquiais; outra popular, constituída pelos bandos voluntários de devotos que, de noite, sem hábitos nem grilhões, vão pelas ruas dos povoados a rezar ou a cantar o terço, os “martírios do Senhor”, os “Calvários”.

Em algumas freguesias do concelho de Barcelos ainda há pouco tempo se realizavam as Procissões da Penitência (ver *Cruzeiros e Alminhas de Barcelos, do autor*).

Procissão Teofórica de Braga

Na Sexta-Feira Santa, após a Celebração da Paixão do Senhor, realiza-se em Braga a Procissão Teofórica, o que constitui um privilégio único no mundo, próprio do Rito Bracarense.

Dentro de um esquife é metida a Santíssima Eucaristia, organizando-se, depois, *no interior da Catedral*, a procissão Teofórica do Enterro do Senhor. Finda esta, o esquife é colocado numa das naves da Basílica onde se encontra o altar da Senhora do Sameiro, e é pregado o Sermão do Enterro.

À noite realiza-se, pelas ruas da cidade, *a Procissão do Enterro do Senhor*. Nesta não vai, como aconteceu na Sé, o esquife com a Sagrada Eucaristia, mas é transportada a imagem do Senhor.

Antigamente, a Procissão do Enterro era feita com o Santíssimo Sacramento. Prova disto é a existência, em quase todas as freguesias, de pequenos *cofres* mais ou menos preciosos encimados por uma cruz.

Ultimamente perdeu-se o conhecimento exacto da utilidade e função desses objectos. Para uns tratava-se de Relicários; para outros, de caixas para guardar hóstias; e, segundo outras opiniões, seriam urnas para a Exposição solene na Quinta-Feira Santa.

No Museu Nacional de Arte Antiga existe um interessantíssimo exemplar, vulgarmente conhecido por *cofre de S. Sebastião* ou *cofre do Convento de Tomar*, oferecido por D. Sebastião à Ordem de Cristo.

Trata-se de um cofre rectangular, cuja tampa tem uma figura representando o Senhor Ressuscitado. «De prata dourada, é todo lavrado em figuras de meio relevo, de emblemas alusivos à Paixão e morte de Jesus Cristo, com as quatro figuras dos evangelistas de relevo inteiro e doze colunas molduradas em gomos e lavradas nas bases e nos capitéis, distribuídas pelas quatro faces do cofre fingindo pórticos com molduras na base, os quais têm letreiros abertos em funil, alusivos à Sagrada Eucaristia; um desses pórticos é mesmo junto à boca do cofre. A moldura de cima tem remates de génios segurando as armas reais portuguesas, e outros remates que estão quebrados.»

Em matéria de técnica, o interior do cofre não desmerece de quanto se vê no exterior: um lindo trabalho de buril, que enriquece a base da tampa, forma o docel que convém às partículas eucarísticas guardadas dentro da urna.

No centro, em relevo, destaca-se o Sol. Das nuvens que o rodeiam saem cabeças aladas de querubins; pequenos anjos gorduchos deixam cair ramos de flores nos cantos; quatro anjos maiores, de longa cabeleira solta, tocam respectivamente harpa, viola, pandeiro e píforo.

Além de tudo isto tem várias inscrições.

Outro cofre de idêntica utilidade encontra-se também no Museu Nacional de Arte Antiga e era do *Mosteiro dos Jerónimos*. É de bronze e prata. Os lados maiores estão divididos em três compartimentos e os menores em

dois, a que foram aplicados outros tantos quadros de prata em baixo relevo (num total de 10), representando cenas da Paixão.

«Observando os quadros a começar pelo lado direito da peça, temos: 1 Ceia, 2 Jesus no Horto, 3 Paixão do Senhor, 4 e 5 Duas cenas do Julgamento de Cristo, 6 Flagelação, 7 Coroação de espinhos, 8 Ecce Homo, 9 A Caminho do Calvário, 10 O Senhor pregado na Cruz.

A arca é toda em bronze dourado e assenta sobre quatro leões, colocados em diagonal sobre os seus quatro ângulos. São dignos de nota os seis soldados da parte superior da tampa: três dormem estendidos sobre o solo, mas os outros três parecem acordar amedrontados, olhando para a Cruz que encima a peça e é ladeada por dois anjos em adoração. Isto fez supor que no lugar da Cruz estaria, primitivamente, Cristo Ressuscitado.

Por dentro, o cofre é dourado e tem um cuidadoso trabalho de buril formando vários desenhos geométricos.

Está marcada a sua época de 1550 a 1570.»

Também é digno de registo o cofre que está no Museu de Arte Sacra da Igreja de S. Roque (*Misericórdia de Lisboa*).

Embora com o contraste de Roma, este cofre, singularmente belo, não é assinado. «A sua estrutura, por excessivamente simétrica, é um tanto discordante das restantes peças da colecção. No que se lhes iguala é na riqueza do labor e na alada graça dos anjos que a decoram.»

Actualmente, serve de urna para a Exposição Solene de Quinta-Feira Santa, o que faz com que seja conhecido vulgarmente por “Santo Sepulcro”. Foi construído, não para caixa de hóstias, mas sim para a Procissão do Enterro do Senhor.

Extinta a Procissão do Enterro com o SS. Sacramento, ficou este cofre, como aliás todos os outros, sem função própria. Dada a bua beleza e riqueza de ornatos, procurou-se adaptá-lo para poder encerrar a píxide da Exposição em Quinta-Feira Santa.

No Museu Nacional de Arte Antiga há um outro interessantíssimo cofre, em cuja caixa e tampa se vêem os emblemas da Eucaristia: «o medalhão grande com o feixe de espigas, que significa o pão sagrado; e os medalhões laterais com os cachos de uvas, o vinho da comunhão. Na tampa, o artista dispôs o escudo das cinco chagas; e nos compartimentos laterais, os instrumentos da Paixão.»

Existem vários cofres com a mesma utilidade na Província de Trás-os-Montes.

No Algarve, também são vários os que atestam a existência da mesma Procissão. Em prata existem destes cofres na Sé de Faro, em Martinlongo e em Tavira. Em madreperola com feixe de prata, em Loulé, Portimão, Odeleite, etc, etc..

Procissão do Enterro do Senhor

(origem em Vilar de Frades)

Foi trazida de Jerusalém pelo Padre Paulo de Portalegre e começou a fazer-se no Convento de Vilar de Frades, Arcebispado de Braga, de 1500 a 1510, de onde se estendeu a todas as Catedrais de Portugal. Esteve muito difundida em Portugal e foi seguida durante muitos anos no Rito Romano.

Na Sexta-Feira Santa, em quase todas as freguesias de Portugal, é costume quadricentenário fazer-se a Procissão do Enterro do Senhor. Estabelecida em Portugal nos fins do século XV e princípio do século XVI, é uma Procissão extralitúrgica e não está determinada pelas rubricas do Missal Romano.

Esta Procissão começou a ser feita com o Santíssimo Sacramento, como ainda se faz actualmente no Rito Bracarense (Procissão Teofórica). Temos a prova disto nos cofres para o translado do Santíssimo Sacramento, alguns bastante artísticos, que ainda hoje existem em quase todas as igrejas, embora quase completamente ignorados, ou em exposição de objectos artísticos.

Com a extinção desta Procissão do Enterro com o SS. Sacramento, perdeu-se o conhecimento exacto da utilidade e função desses cofres. Segundo alguns, tratava-se de

Relicário; para outros, eram caixas de hóstias ou urnas que serviam para a Exposição Solene de Quinta-Feira Santa.

As pessoas que participam nesta Procissão trazem a cabeça coberta em sinal de luto, caminhando silenciosamente através da noite. Os clérigos levam a sobrepeliz sobre a cabeça; e os cônegos, a romeira.

As matracas dos farricocos vão silenciosas, e as bandeiras e estandartes, com faixa de luto, são arrastadas pelo chão.

A Procissão inclui apenas três imagens, além da do Senhor Morto transportado no esquife: a da Virgem Maria, a de São João Evangelista e a de Santa Maria Madalena.

Outrora, nesta Procissão, iam os penitentes vestidos de farricocos e vergastando-se a si próprios e uns aos outros com molhos de cordas e correntes de ferro. Por vezes chegavam a passar dos mil.

Os penitentes também entravam na Procissão do Ecce Homo, mas com uma diferença: na Procissão de Quinta-Feira Santa, confessavam em voz alta os seus pecados e os dos outros, ao mesmo tempo que se flagelavam; na de Sexta-Feira Santa não falavam, e apenas soltavam gritos e gemidos de dor quando as cordas ou as correntes lhes feriam a carne.

* * *

Em Areias de Vilar, esta Procissão do Senhor Morto no esquife, as bandeiras caídas e algum figurado

lacrimoso, nas últimas décadas tem sido feita no decorrer do exercício da Via Sacra, seguindo o mesmo percurso da Procissão dos Passos e com a luz pública desligada.

No ano jubilar de 2000, todas as Estações da Via Sacra foram representadas ao vivo pelos jovens.

Neste ano de 2003 vai tentar-se regressar à Procissão em silêncio e oração, após a Celebração da Paixão do Senhor na igreja paroquial.



Procissão da Burrinha

No Sábado de Aleluia realizava-se em Braga, da igreja de São Victor para a da Misericórdia, a Procissão de Nossa Senhora das Angústias. O povo baptizou-a como “Procissão de Nossa Senhora da Burrinha”, por nela ser transportado um andor que representava um dos passos da vida de Maria – a Fuga para o Egipto.

Na Procissão de Sábado à noite, em Braga, a imagem da Senhora era mesmo transportada numa burrinha.

Após um longo período de interrupção, a que não terá sido alheia a reforma da Semana Santa feita na sequência do Concílio Ecuménico Vaticano II, foi o costume retomado, mas em Quarta-Feira Santa.

A imagem continua a ser transportada numa burrinha, tendo sido introduzidas várias cenas do Antigo Testamento e dos Evangelhos da Infância.

Procissão da Ressureição

Outra Procissão que antigamente se fazia em todas as freguesias de Portugal, e que se não encontra prescrita nas rubricas do Missal Romano, é a Procissão do Domingo de Páscoa.

Nalguns lugares tem foros de grande acontecimento. As ruas são juncadas de flores, nas casas põem-se colgaduras e até as próprias velas das crianças e dos fiéis são floridas. É a Procissão das flores, como nalgum lugares lhe chamam.

O seu primitivo rito, da Ressurreição de Cristo, está em muitas partes perdido por falta de um livro por onde se sigam as cerimónias desse cortejo.

Também esta Procissão foi trazida de Jerusalém pelo Padre Paulo de Portalegre.

A Páscoa é a Festa mais importante da religião cristã, e sempre a Igreja a reputou como Dia do Senhor por antonomásia, dando-lhe o sagrado nome de Domingo. Por isso, este passou a ser o Dia Santificado dos cristãos, que abandonaram o costume judaico de santificar o Sábado. A Liturgia não se contentou com solenizar esta Festa com uma oitava solene, mas criou um tempo próprio – o Tempo Pascal, que vai do próprio Domingo de Páscoa até ao Pentecostes.

Do séc. VIII ao séc. X, os oito dias que antecediam a Páscoa eram todos santificados. No séc. X, os dias santificados foram reduzidos a três. Já nos nossos dias, foi abolido o preceito da abstenção do trabalho na Semana Santa, vindo a legislação a fixar um feriado em Sexta-Feira Santa, que actualmente, na prática, se junta ao do Sábado para a grande maioria das pessoas.

Em muitas igrejas celebravam-se várias cerimónias e Procissões ao romper da aurora, para comemorar a Ressurreição do Senhor, à imitação das três Marias que antes do nascer do sol foram ao sepulcro ungir o corpo do Cristo Senhor.

Entre os Gregos e orientais faz-se uma Festa especial, que chamam “Do Triunfo de Jesus Cristo” e que consiste no seguinte: juntam-se todos na igreja pouco antes de despontar a aurora e, depois de algumas orações e leituras, cantam solenemente um cântico da Ressurreição.

Durante esse cântico, o sacerdote oficiante beija a imagem de Cristo Ressuscitado, dando-a logo a beijar ao mais digno da assembleia, o qual, por sua vez, passa a imagem a outro, e assim sucessivamente.

Entre os Cristãos do Ocidente, durante o Tempo Pascal, há o costume de as pessoas se saudarem, dizendo uma: “Surrexit Dominus vere” e respondendo a outra: “Deo gratias.”

* * *

Nas aldeias e cidades do Norte de Portugal, como prolongamento da Procissão da Ressurreição do Senhor,

é costume no Domingo de Páscoa levar pelas casas a imagem de Cristo Crucificado envolta em flores. As famílias recebem-na alegremente com colchas nas janelas e flores enfeitando as portas.

Enquanto alguém a vai dando a beijar aos presentes (normalmente, o chamado “Mordomo da Cruz”), o sacerdote ou um seu representante deseja a todos Felizes Festas pascais e alterna com eles alguma oração. É o chamado Compasso, ou Visita Pascal.

No cortejo vão também outras pessoas: umas, revezando-se, tocam a campainha, dando o tom festivo àquele rito e anunciando a chegada do Senhor; outras levam a caldeira ou o hissopo da água benta e uma bandeja para colocar as ofertas ou o “folar” dos visitados, entregando às vezes numa casa carenciada aquilo que recolheram noutras.

Ao longo do percurso, principalmente no meio rural, é frequente estrelejam os foguetes. Às vezes, alguns elementos acompanham o cortejo com cânticos. E nalgumas terras, sobretudo em anos mais remotos, o Compasso era acompanhado por uma Banda de Música.

Serpentina

Dos instrumentos e sinais e utilizados na Semana Santa queremos referir apenas dois: a Serpentina e o Círio Pascal.

A Serpentina é um instrumento processional, que entra nas funções litúrgicas de Sábado Santo.

Desapareceu do Rito Romano por ocasião da última reforma da Semana Santa.

Este instrumento é de origem hispânica e chegou até Braga por meio da língua gálica. Representa o Mistério da Trindade (três velas unidas pela base num só pé). Por sua vez, subjacente à base desta tríplice vela, sobressai a figura de uma serpente que, esmagada, tenta erguer a cabeça, enquanto contorce a comprida cauda.

O objecto recebeu o nome desta serpente, que aqui simboliza o demónio.

Na Sé de Braga, porém, em vez da serpente é figurado um dragão, famoso monstro lendário, que também representa o demónio.

É, na verdade, uma representação repelente: dentes arreganhados, garras e cauda encolhidas, cabeça ligeiramente erguida. As asas, rudimentares e distendidas, lembram a rapidez com que Satanás se desloca para tentar as almas.

O Círio Pascal

É uma vela de cera de grandes proporções, peso e tamanho invulgares. Assenta sobre um grande tocheiro de base arredondada e quase sempre provido de rodas para poder ser transportado em Procissão.

O pavio do Círio é também de uma grossura anormal. Depois de aceso representa Cristo Ressuscitado.

Acende-se com uma das velas da Serpentina, representando o acordo da SS. Trindade na Ressurreição de Cristo.

Este Círio é renovado cada ano na Vigília Pascal de Sábado santo para o Domingo de Páscoa, numa cerimónia que começa no exterior da igreja com o acender de uma fogueira ou outra forma de se obter lume novo das brasas (não de fósforos).

Na parte superior do Círio voltada para o Povo é então gravada uma cruz, as letras Alfa e Ómega no topo e na base da cruz respectivamente; e no vão da cruz, da esquerda para a direita e de cima para baixo, os quatro algarismos do ano em curso. Além disso, nos extremos e no centro da cruz, podem ser afixadas cinco pinhas de incenso que simbolizam as Chagas de Cristo.

Tudo isto é feito ao ritmo de uma oração do sacerdote Presidente. Para a cruz: “Cristo, ontem e hoje (*vertical*) / Princípio e fim (*horizontal*), Alfa e Ómega” (*letras*). Para os quatro algarismos: “A Ele pertence o tempo / e a eternidade. / A Ele a glória e o poder / para sempre. Amen.” Para as pinhas de incenso: “Pelas suas chagas / santas e gloriosas, / nos proteja / e nos guarde / Cristo Senhor. Amen.”

Depois, do lume novo o Presidente acende o círio pascal, dizendo: “Cristo gloriosamente ressuscitado nos dissipe as trevas do coração e do espírito.” A seguir, o diácono proclama, cantando: “A luz de Cristo”, a que todos respondem: “Graças a Deus”; e organiza-se a procissão de entrada na igreja, indo à frente o diácono com o Círio. À porta da igreja, o diácono pára e, levantando o Círio, canta a mesma aclamação pela segunda vez, respondendo todos; os ministros e acólitos acendem as velas no Círio e

passam o lume a toda a assembleia, continuando a procissão. Ao chegar junto do altar, canta-se a aclamação e a resposta pela terceira vez e acendem-se todas as luzes da igreja.

O Círio é colocado no ambão e incensado. E segue-se o canto do Pregão Pascal.

Este acendimento solene de uma luz ao começar o canto da Vigília procede, historicamente, de igual cerimónia praticada pelos Hebreus antes e no tempo de Cristo; e ainda hoje se realiza entre os Judeus, em memória da coluna de fogo que os acompanhou na caminhada pelo deserto após a saída do Egipto.

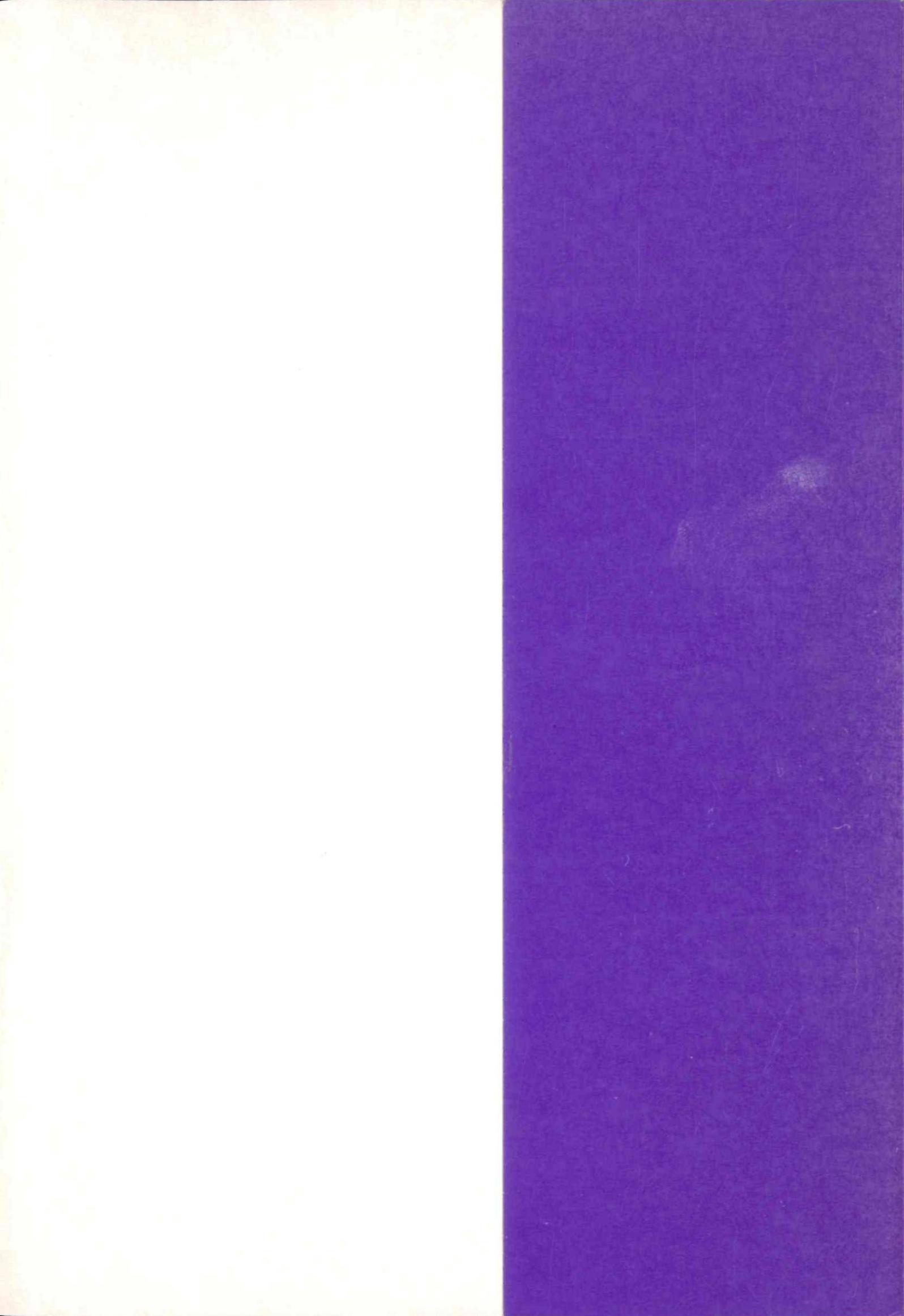
Porém, nos usos judaicos, essa luz pode ser um lampadário de azeite, ao passo que, na liturgia católica, tem de ser acesa numa “coluna de cera” muito pura. A explicação é dada no Canto do Precónio, composto por Santo Agostinho para a Vigília Pascal, que ainda hoje se canta com algumas modificações.

A certo ponto desse famoso canto aludia-se a «esta coluna de cera obra da abelha, o gracioso insecto que não só fabrica e destila o suave mel, mas tem a propriedade de gerar filhos sem cooperação do ente masculino e é mãe apesar de virgem».

Hoje canta-se ou diz-se: «Agora conhecemos o sinal glorioso desta coluna de cera, que uma chama de fogo acende em honra de Deus: esta chama que, ao repartir o seu esplendor, não diminui a sua luz; esta chama que se alimenta de cera, produzida pelo trabalho das abelhas, para formar este precioso luzeiro.»

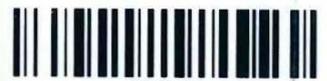
Índice

Nota Prévia	5
Semana Santa em Braga	7
Procissão dos Passos	9
Procissão do Ecce Homo – Quinta-feira Santa	17
Procissão Teofórica de Braga	23
Procissão do Enterro do Senhor	27
(sua origem em Vilar de Frades – Barcelos)	
Procissão da burrinha	31
Procissão da Ressurreição	33
(sua origem em Vilar de Frades – Barcelos)	
Serpentina	35
Círio Pascal	36



Areias de Vilar
Barcelos

biblioteca
municipal
barcelos



40863

Breve nota das Procissões da
Semana Santa em Braga